

“Não há palavras para descrever o inferno que vivemos”

ORLANDO DRUMOND
odrumond@dnoticias.pt

Ao final da manhã de ontem permaneciam ‘retidos’ na Escola do Porto Moniz um total de 27 munícipes, seis crianças e 21 adultos, entre os quais quatro acamados, revelou José Sequeira da Costa, responsável pelo estabelecimento de ensino que foi local de abrigo para os ‘desalojados’.

Uma operação que começou a meio da tarde do dia anterior “com a evacuação dos idosos do Lar dos Lamaceiros”, inicialmente para o pavilhão gimnodesportivo, mas, entretanto, reencaminhados para outra(s) unidade(s), nomeadamente o Lar de Ponta Delgada.

Com o agravar do incêndio, ao final da tarde os alunos residentes nas zonas altas já não regressaram a casa. Pernoitaram na escola. A estes juntaram-se as dezenas de adultos também evacuados face ao aproximar do fogo dos locais de residência.

Quem passou pelo Porto Moniz ainda de manhã foi Humberto Vasconcelos. O ainda secretário com a tutela da Agricultura não perdeu tempo e comprometeu o Governo Regional na ajuda a prestar aos agricultores e produtores de gabo. Anunciou que já ontem iria ser disponibilizado aos produtores de gado nos dois concelhos fortemente atingidos pelo incêndio, rações e feno, a serem atribuídos no Mercado Abastecedor dos Prazeres e na Estação Zootécnica do Porto Moniz. Prometeu ainda apoio para os apicultores afectados e outras compensações para quem sofreu perdas causadas pelo incêndio. Destacou a pecuária como um dos sectores mais afectados, ao concluir que “muitos animais morreram”.



Nas Achadas da Cruz e na parte alta do Porto Moniz são muitas as marcas do incêndio. FOTOS: ASPRESS

Apesar da aparente acalmia vivida ontem, ao início da tarde uma frente que lavrava na arriba sobranceira ao mar, relativamente perto da zona onde estão instalados os equipamentos desportivos e escolares, ge-

rou alguma preocupação, e obrigou a reposicionar meios no terreno para prevenir a aproximação do fogo. Trabalho feito em grande parte pelas eficazes descargas do helicóptero, que acabou por sustentar o avanço das labaredas.

A meio da tarde uma caravana de carros rumou à zona alta do Porto Moniz, assim que a estrada reabriu.

Na zona dos Lamaceiros, entre o fumo e a terra queimada, encontramos Domingos Gorgulho. “Não há palavras para descrever o inferno que vivemos”, começou por responder.

O morador na localidade descreveu “um cenário de terror” para caracterizar a angústia vivida na noite anterior.

“Não foi nada fácil e de noite as coisas complicam-se mais”, admitiu. Também “os meios não eram os suficientes porque os bombei-

“FOI MUITO IMPORTANTE E É MUITO IMPORTANTE TERMOS O HELICÓPTERO”

ros andavam em tudo quanto era canto. Estivemos aqui umas duas ou três horas entregues à nossa sorte”, diz, ainda mal refeito da agitação vivida.

“Felizmente conseguimos combater com a ajuda deles (bombeiros) e antes de eles chegarem já tentamos ir resolvendo a situação, porque os bombeiros não tinham mãos a medir”, admitiu.

Apesar de tudo, garante que naquela zona praticamente só queimou floresta e zona de mato. “Feliz-

mente as casas safaram-se”, assinalou, admitindo apenas que o fogo possa ter destruído algum palheiro.

“Agora é renascer das cinzas”, manifestou. “Nunca passei por situação semelhante e espero nunca voltar a passar”, desejou.

Helicóptero determinante

Já com os incêndios em fase de rescaldo, o presidente do Governo Regional passou, ao final da tarde, pelo posto de comando de operações, no sítio da Santa, no Porto Moniz, onde destacou a importância do meio aéreo no combate a fogos.

“Foi muito importante e é muito importante para a Madeira termos o helicóptero”, afirmou, ao dar conta que desde o Verão o ‘heli’ já realizou cerca de 250 horas de voo nas 35 operações de “apagamento de fogos”.

Acabado de regressar à Madeira após semana ausente, Miguel Albuquerque reforçou a convicção de “fortes indícios de fogo posto” nestes incêndios, apesar do Verão com temperaturas atípicas agravado pelas “temperaturas superiores a 30 °C em média na Região com ventos fortes”, declarou, referindo-se às últimas semanas.

Porque a prioridade dos bombeiros é “salvaguardar a vida das pessoas e as habitações”, considerou o efectivo regional suficiente e com “meios adequados” para enfrentar incêndios como os ocorridos esta semana, convicção reforçada ao lembrar que na sua carreira política são já “mais de 20 incêndios graves”.

Relativamente à ajuda de Lisboa, justificou a vinda de contingente que ontem chegou à Madeira quando “a situação ficou um pouco descontrolada” pelo fogo, embora reitere que em matéria de contenção dos fogos “tudo foi efectuado com eficácia” por quem já estava no terreno.

Acompanhado do secretário com a tutela da Protecção Civil, Pedro Ramos, e o presidente da Câmara do Porto Moniz, Emanuel Câmara, o líder madeirense anunciou que “uma pessoa ficou desalojada”, além de “algumas casas” afectadas pelo fogo.

Já quando confrontado com a realização de prova de motocross, este fim-de-semana, ‘na área ardiada’ da Fajã da Ovelha, admitiu que “se houver condições de segurança, não tem problema”. Ainda assim, remeteu para a Protecção Civil o poder de decisão assente no presuposto de que “a segurança está em primeiro lugar”.



Domingos Gorgulho diz ter vivido o “inferno” na madrugada de ontem.